

BC e BB sofrerão poucas alterações

O ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, acertou com os presidentes do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, e do Banco do Brasil, Camillo Calazans, para que mantenham a composição das diretórias de ambas as instituições. Mas os diretores das áreas de mercado de capitais e bancária do Banco Central, respectivamente, Luiz Carlos Mendonça de Barros e Ricardo Fernandez Silva, mantêm os pedidos de demissão e seus prováveis substitutos serão o diretor da corretora Planibanc, Oswaldo de Assis Filho, e o chefe da assessoria econômica do Banespa, Waldiko Valdir Guaraldo.

Milliet de Oliveira afirmou que sua intenção era manter todos os diretores do Banco Central, porém, se mantidos os pedidos de demissão, pretende

anunciar os nomes dos substitutos somente na próxima semana. Ontem, após a posse, ao receber os cumprimentos de praxe, o presidente do Banco Central não escapou do constrangimento de ser alvo de reivindicações salariais dos funcionários.

O presidente do Banco do Brasil, Camillo Calazans, disse que nenhum dos diretores do banco apresentou pedido de demissão, apesar das intensas especulações de que estariam demissionários. Os vice-presidentes de operações internacionais, Adroaldo Moura da Silva, e de operações no País, Alberto Policaro, e ainda o diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, Roberto Fendt Júnior.

O diretor do Departamento Econômico (Depec) do Banco

Central, Silvio Rodrigues, informou ontem que o chefe da Divisão do Atlântico Sul do Fundo Monetário Internacional (FMI), Thomas Reichman, só chegará ao Brasil na próxima segunda-feira. Reichman, cuja chegada deveria ter ocorrido anteontem, permanece em Nova Iorque, devendo estar em Brasília somente no próximo dia 11, à espera de uma definição na política econômica do ministro Bresser Pereira.

Segundo Silvio Rodrigues — que classificou o anúncio da chegada de Reichman ao Rio, como “um equívoco” — disse que não teria sentido a presença do coordenador da equipe do FMI, que está no País há duas semanas, “antes de uma definição da nova política econômica do Governo”.